

*Para a Lynette.  
Este livro foi um percurso de três anos  
e tu nunca tiveste dúvidas.*

## CAPÍTULO UM

Ele começou a sua vida nova de pé, envolto na escuridão fria e no ar bafiento e poeirento.

O som de metal a roçar em metal. Um safanão repentino abanou o chão debaixo dos seus pés. O movimento inesperado atirou-o ao chão e ele recuou, de gatas, com gotas de transpiração a formarem-se-lhe na testa, apesar do ar frio. As suas costas embateram numa parede de metal dura; ele deslizou pela parede até alcançar o canto do compartimento. Deixou-se cair no chão e encostou os joelhos ao peito, à espera que os seus olhos se acostumassem à escuridão.

Com outro solavanco, o compartimento deslocou-se repentinamente para cima, como o elevador antigo de uma mina.

Os sons duros de correntes e de roldanas, como o ruído de uma fundição antiga em plena atividade, ecoaram no compartimento, ressoando nas paredes com um lamento oco e metálico. À medida que subia, o elevador sem luz balançava para a frente e para trás, fazendo o estômago do rapaz dar uma volta. Um cheiro semelhante a óleo queimado invadiu-lhe os sentidos, fazendo-o sentir-se ainda pior. Apetecia-lhe chorar, mas as lágrimas recusavam-se a sair. Só lhe restava deixar-se ficar sentado, sozinho, à espera.

«O meu nome é Thomas», pensou ele.

Isso... Era a única coisa que ele recordava da sua vida.

Não compreendia como tal era possível. A sua mente funcionava na perfeição, tentando perceber onde estava e em que situação se

encontrava. Os seus pensamentos foram invadidos pelo conhecimento de factos e imagens, de recordações e pormenores sobre o mundo e sobre a forma como ele funcionava. Na sua mente vislumbrou árvores cobertas de neve; desceu, a correr, por uma estrada coberta de folhas; comeu um hambúrguer; viu o luar pálido a incidir sobre um campo relvado; nadou num lago; viu uma praça movimentada, com centenas de pessoas na azáfama das suas vidas.

E, todavia, continuava sem saber de onde vinha, como tinha ido parar dentro do elevador escuro e quem eram os seus pais. Nem sequer se recordava do seu próprio apelido. Vieram-lhe à mente imagens de pessoas, mas não reconhecia ninguém; os rostos tinham sido substituídos por manchas de cor distorcidas. Não se lembrava de uma única pessoa que conhecesse, nem de uma única conversa.

O compartimento continuava a subir, aos solavancos. Thomas deixou de se preocupar com o chocalhar incessante das correntes que o puxavam para cima. Decorreu imenso tempo. Os minutos deram lugar às horas, embora fosse impossível saber ao certo, pois cada segundo parecia uma eternidade. Não. Ele era mais esperto do que isso. Confiando nos seus instintos, calculou que estivesse a subir há cerca de *meia* hora.

Curiosamente, o medo começou a dissipar-se, como um enxame de insetos levado pelo vento, dando lugar a uma intensa curiosidade. Ele queria saber onde estava e o que estava a acontecer.

Com um rangido, seguido de um som metálico abafado, o compartimento em ascensão parou. A mudança repentina projetou Thomas da sua posição encolhida para o chão duro. Ao levantar-se, sentiu o compartimento a balançar cada vez menos, até que parou por completo. O silêncio era profundo.

Decorreu um minuto. Depois dois. Ele olhou à sua volta, mas só viu escuridão. Percorreu novamente as paredes às apalpadelas, à procura de uma saída. Porém, não encontrou nada, somente o metal frio. Resmungou de frustração e o eco da sua voz amplificou-se no vazio, como o lamento inquietante da morte. Assim que terminou, o silêncio voltou a instalar-se. Ele gritou por socorro e deu murros nas paredes.

Nada.

Thomas recuou novamente até ao canto, cruzando os braços sobre o peito e estremeando, e o medo regressou. Sentiu um tremor de preocupação no peito, como se o coração quisesse fugir-lhe do corpo.

— Alguém... me... ajude! — gritou ele, com as palavras a rasgarem-lhe a garganta.

Um som metálico soou por cima dele e Thomas, sobressaltado, ergueu o olhar, ao mesmo tempo que susteve a respiração. Um rasgo de luz surgiu no teto do compartimento e Thomas viu-o a aumentar de tamanho. Um rangido pesado revelou-lhe que portas duplas de correr estavam a ser abertas. Ao fim de tanto tempo na escuridão, a luz feria-lhe os olhos. Ele desviou o olhar, protegendo o rosto com as mãos.

Ouviu ruídos por cima dele, vozes, e o medo comprimiu-lhe o peito.

— Olhem bem para este palerma...

— Que idade terá?

— Parece um klunk vestido com uma *T-shirt*.

— Klunk és tu, seu bafu.

— Que cheiro a chulé vem lá debaixo, meu!

— Espero que tenhas gostado da viagem só de ida, Caloiro.

— Pois é, não há bilhete de volta, mano.

Thomas estava perplexo e ficou ainda mais em pânico. As vozes soavam-lhe estranhas, como se tivessem uma espécie de eco. Algumas palavras eram-lhe totalmente desconhecidas e outras pareciam-lhe familiares. Forçou a vista a adaptar-se, virando-se para a luz, e para as pessoas que falavam, com os olhos semicerrados. A princípio, apenas conseguia vislumbrar sombras em movimento, mas elas adquiriram rapidamente a forma de corpos; pessoas a espreitarem pela abertura no teto, a olharem e a apontarem para ele, lá em baixo.

Então, qual lente de câmara que encontra o seu ponto de focagem, os rostos ficaram completamente nítidos. Eram rapazes, todos eles; uns mais novos do que outros. Thomas não sabia o que esperar, mas, ao ver os seus rostos, ficou confuso. Não passavam de adolescentes. Miúdos. Alguns dos seus receios dissiparam-se, mas não o suficiente para acalmarem o seu coração acelerado.

Alguém atirou uma corda lá de cima, com um laço enorme na ponta. Thomas hesitou, depois enfiou o pé direito no laço e agarrou-se à corda, ao mesmo tempo que era içado rumo ao céu. Uma série de mãos estendeu-se para o agarrar, muitas mãos, agarrando-o pela roupa e puxando-o para cima. O mundo parecia andar às voltas, uma névoa rodopiante de rostos, de cor e de luz. Uma tempestade de emoções contraiu-lhe o estômago, fazendo-o andar às voltas. Apetecia-lhe gritar, chorar e vomitar. O coro de vozes havia-se calado, mas alguém falou, ao mesmo tempo que ele era içado por cima da borda da caixa escura. E Thomas soube que jamais esqueceria essas palavras.

— Prazer em conhecer-te, chanco — disse-lhe o rapaz. — Bem-vindo à Clareira.

## CAPÍTULO DOIS

As mãos que o içaram só pararam de lhe tocar quando Thomas se pôs de pé, sacudindo a poeira da *T-shirt* e das calças. Ainda meio atordoado por causa da claridade, ele cambaleou um pouco. Estava cheio de curiosidade, mas ainda se sentia demasiado agoniado para olhar à sua volta. Os seus novos companheiros não proferiram uma única palavra, enquanto ele virava a cabeça, de um lado para o outro, tentando assimilar tudo o que o rodeava.

Ele rodou lentamente sobre si mesmo e os outros miúdos começaram a rir-se e a olhá-lo fixamente. Alguns estenderam a mão e tocaram-lhe com o dedo. Deviam ser, no mínimo, uns cinquenta, com a roupa suja e transpirada, como se tivessem estado a trabalhar; de vários tamanhos, alturas e raças; e com o cabelo de vários comprimentos. Thomas sentiu uma tontura súbita, ao examinar alternadamente os miúdos e o lugar estranho onde se encontrava.

Eles estavam parados num pátio imenso, do tamanho de vários campos de futebol, cercados por quatro muros enormes, feitos de pedra cinzenta e cobertos de hera aqui e ali. Os muros pareciam ter vários metros de altura e formavam um quadrado perfeito à volta deles, com cada face dividida exatamente ao meio por uma abertura tão elevada como os próprios muros e que, tanto quanto Thomas conseguia ver, conduzia a passagens e a corredores compridos do outro lado.

— Olhem bem para este Caloiro — disse uma voz rouca. Thomas não conseguia ver de onde provinha. — Ainda vai partir a traca do pescoço de tanto mirar o novo poiso.

Alguns miúdos riram-se.

— Cala o bico, Gally — retorquiu uma voz mais grave.

Thomas tornou a focar o olhar nas dezenas de estranhos à sua volta. Tinha consciência de que devia aparentar um ar tresloucado. Sentia-se como se tivesse sido drogado. Um miúdo alto, com o cabelo louro e o queixo quadrado, franziu o nariz na sua direção, com o rosto desprovido de qualquer expressão. Um miúdo baixo e gorducho não parava quieto, fitando Thomas com os olhos arregalados. Um rapaz asiático, corpulento e musculado, cruzou os braços sobre o peito e examinou Thomas. Envergava uma camisa justa e tinha as mangas arregaçadas, para mostrar os bíceps. Um rapaz de tez escura franziu o sobrolho; era o mesmo que lhe havia dado as boas-vindas. Muitos outros rapazes observavam-no.

— Onde é que eu estou? — indagou Thomas, ouvindo, pela primeira vez, tanto quanto sabia, o som da sua própria voz. Não lhe soava nada bem; era mais aguda do que imaginara.

— Num sítio muito pouco agradável. — A resposta veio do rapaz de tez escura. — Agora tenta acalmar-te.

— Que Guardião lhe irá calhar? — gritou alguém na parte de trás da multidão.

— Já te disse, cara de traca — respondeu uma voz aguda. — Ele é um klunk, por isso vai ser um Limpa-tudo... Disso não tenho a menor dúvida. — O rapaz deu uma risada como se tivesse dito a coisa mais engraçada do mundo.

Thomas tornou a sentir uma confusão angustiante, ao escutar tantas palavras e frases que não faziam sentido nenhum na sua cabeça. Chanco. Traca. Limpa-tudo. As palavras eram proferidas com tanta naturalidade que até parecia estranho ele não as entender. Era como se a sua perda de memória lhe tivesse roubado uma parte da linguagem. Era realmente muito confuso.

A mente e o coração de Thomas debatiam-se com emoções distintas. Confusão. Curiosidade. Pânico. Medo. Porém, essas emoções tinham um denominador comum: a sensação obs-

cura do desespero total, como se o mundo tivesse acabado para ele, como se tivesse sido apagado da sua memória e substituído por algo horrível. Apetecia-lhe correr dali para fora e esconder-se daquela gente.

O rapaz da voz rouca estava a falar:

— ... e aposto o que quiseres que nem isso é capaz de fazer.

— Thomas continuava a não conseguir ver-lhe o rosto.

— Eu disse bico calado! — gritou o rapaz de tez escura.

— Continuem a palrar e a próxima pausa será reduzida a metade do tempo!

«Deve ser o líder do grupo», concluiu Thomas. Irritado por estarem todos a olhar para ele, Thomas concentrou-se em examinar o sítio a que o rapaz havia chamado Clareira.

O chão do pátio parecia feito de blocos de pedra enormes, muitos deles rachados e cheios de relva e ervas daninhas. Num dos cantos do pátio, uma estranha construção de madeira, em ruínas, contrastava imensamente com a laje cinzenta. Estava rodeada por uma série de árvores cujas raízes se assemelhavam a mãos encarquilhadas, enterradas no chão rochoso como se procurassem alimento. Noutro canto do pátio via-se uma zona ajardinada. Do sítio onde se encontrava, Thomas vislumbrava alguns pés de milho, tomateiros e árvores de fruto.

Do outro lado do pátio viam-se currais de madeira, com ovelhas, porcos e vacas. Um bosque amplo enchia por completo o último canto. As árvores mais próximas pareciam enfezadas e quase mortas. Por cima deles, o céu estava azul e limpo, mas Thomas não conseguia vislumbrar o Sol, não obstante a claridade do dia. As sombras que os muros projetavam no chão não revelavam a hora nem a direção do Sol; tanto podia ser de manhã, bem cedo, como também final da tarde. Ele inspirou profundamente, tentando acalmar os nervos, e foi invadido por uma mistura de odores: lixo recentemente revirado, estrume, pinheiros, um odor a podre e um cheiro adocicado. Sem saber como, compreendeu que se tratava do cheiro típico de uma quinta.

Thomas tornou a olhar para os seus captores, sentindo-se pouco à vontade, mas ansioso para lhes fazer algumas perguntas. «Captore», pensou ele. Depois: «Porque é que esta palavra me



veio à cabeça?» Perscrutou os rostos deles, examinando todas as expressões e avaliando-as. O olhar de um rapaz em particular, carregado de ódio, deixou-o petrificado. Parecia tão zangado que Thomas não se admiraria nada se ele avançasse na sua direção com uma faca em riste. Tinha o cabelo preto e, quando se entreolharam, o rapaz abanou a cabeça e deu meia-volta, afastando-se em direção a um poste de ferro, de aspeto gorduroso, com um banco de madeira ao lado. Uma bandeira cheia de cores pendia frouxamente do alto do poste, sem vento para revelar o seu padrão.

Incomodado, Thomas ficou a ver o miúdo a afastar-se até ele se virar para se sentar no banco. Thomas desviou rapidamente o olhar.

Subitamente, o líder do grupo, que aparentava ter uns dezasseis anos, deu um passo em frente. Envergava roupa normal: *T-shirt* preta, calças de ganga, ténis e um relógio digital. Por algum motivo, a indumentária dos rapazes surpreendia Thomas. Era como se esperasse que eles usassem algo que lhes conferisse um aspeto mais ameaçador, como as fardas usadas numa prisão, por exemplo. O rapaz de tez escura tinha o cabelo curto e o rosto sem barba. À exceção do sobrolho carregado, não havia nada de ameaçador nele.

— É uma longa história, chanco — disse o rapaz. — Aos poucos irás aprender... Amanhã levo-te a fazer o Passeio Guiado. Até lá... tenta não partir nada. — Em seguida, estendeu-lhe a mão. — Sou o Alby. — Depois ficou à espera, querendo obviamente apertar-lhe a mão.

Thomas recusou-se a fazê-lo. O instinto apoderou-se de si e, sem dizer uma palavra, afastou-se de Alby e caminhou até à árvore mais próxima, onde se sentou pesadamente encostado à casca rugosa. A sensação de pânico acumulava-se novamente dentro dele, de uma forma quase insuportável. Todavia, ele respirou fundo e forçou-se a aceitar a situação. «Tenho de me descontrair», pensou. «Não conseguirei descobrir nada se me deixar levar pelo medo.»

— Conta lá, então — gritou Thomas, esforçando-se para manter a voz firme. — Essa tal história muito longa.

Alby olhou de relance para os rapazes ao seu lado, revirando os olhos, e Thomas examinou o grupo mais uma vez. A sua primeira apreciação estivera quase certa: eram cerca de cinquenta ou sessenta pessoas, desde adolescentes e pré-adolescentes a jovens adultos como Alby, que parecia ser um dos mais velhos. Nesse instante, Thomas apercebeu-se, com um aperto no estômago, de que não fazia a mínima ideia de qual seria a sua própria idade. O coração caiu-lhe aos pés, perante tal constatação; sentia-se tão perdido que nem sequer se lembrava da sua própria idade.

— Agora a sério — repetiu ele, renunciando à pose de valentia. — Onde é que eu estou?

Alby aproximou-se dele e sentou-se no chão, com as pernas cruzadas. O grupo de rapazes imitou-o, sentando-se atrás dele. Viam-se cabeças aqui e ali, miúdos ligeiramente inclinados em todas as direções, para conseguirem ver melhor.

— Se não estivesses com medo — disse-lhe Alby —, seria sinal de que não eras humano. Se te comportasses de outra maneira, atirava-te do Precipício, pois seria sinal de que eras um louco.

— Precipício? — indagou Thomas, empalidecendo subitamente.

— Esquece — replicou Alby, esfregando os olhos. — Não é assim que se começam estas conversas, entendes? Fica descansado que aqui não matamos chancos como tu. Faz é o possível para evitares ser morto, aguenta-te à bronca, seja o que for.

Ele fez uma pausa e Thomas apercebeu-se de que o seu rosto tinha empalidecido ainda mais após escutar a última parte.

— Ouve, meu — disse-lhe Alby, passando as mãos pelo cabelo curto e deixando escapar um longo suspiro. — Não tenho muito jeito para estas coisas... És o primeiro Caloiro desde que o Nick foi assassinado.

Thomas arregalou muito os olhos, ao mesmo tempo que um rapaz se aproximava e dava uma palmada amistosa na cabeça de Alby.

— Espera pelo raio do Passeio, Alby — disse-lhe ele, com uma pronúncia estranha. — O miúdo pode ter um ataque

cardíaco e ainda nem sabe da missa a metade. — Inclinou-se e estendeu a mão na direção de Thomas. — Sou o Newt, Caloiro, e seria porreiro se pudesses dar um desconto aqui ao desmiolado do nosso novo líder.

Thomas apertou a mão do rapaz; parecia bastante mais simpático do que Alby. Newt era também mais alto do que Alby, mas aparentava ser cerca de um ano mais novo. O seu cabelo, louro e comprido, caía-lhe sobre a *T-shirt*. As veias dos seus braços musculados eram bastante visíveis.

— Cala-te, cara de traca — resmungou Alby, puxando Newt para baixo, para que se sentasse ao seu lado. — Ao menos ele percebe *metade* das coisas que eu digo. — Ouviram-se várias risadas e depois reuniram-se todos atrás de Alby e Newt, encostados uns aos outros para ouvirem melhor a conversa.

Alby estendeu os braços, com as palmas das mãos voltadas para cima.

— Este lugar chama-se Clareira, entendes? É onde moramos, onde comemos, onde dormimos... E nós somos os Clareirenses. Basta saberes...

— Mas quem é que me mandou para cá? — quis saber Thomas, o medo que sentia dando finalmente lugar à raiva. — Como é que...?

Porém, antes de ele ter tempo para terminar a frase, Alby agarrou-o pelo colarinho, inclinando-se para a frente e apoiando-se nos joelhos.

— Põe-te em pé, chanco, põe-te em pé! — Alby levantou-se, puxando Thomas para cima.

Thomas conseguiu finalmente levantar-se, sentindo-se outra vez assustado. Encostou-se à árvore, tentando afastar-se de Alby, que não lhe saía da frente.

— Sem interrupções, rapaz! — gritou Alby. — Ó meu palhaço, se eu te contasse tudo, morrias de susto, mas só depois de te klunkares nas calças. Depois os Coletores tinham de te levar daqui para fora e já não nos servias para nada!

— Não faço ideia do que é que estás para aí a dizer — respondeu-lhe lentamente Thomas, surpreendido com a firmeza da sua voz.

Newt agarrou Alby pelos ombros:

— Acalma-te, Alby. Só estás a piorar a situação.

Alby largou o colarinho de Thomas e deu um passo atrás, a arfar.

— Não tenho tempo para simpatias, Caloiro. A tua vida anterior acabou, esta agora é a tua nova vida. Aprende rapidamente as regras, presta atenção e bico calado. Estamos entendidos?

Thomas olhou para Newt, à procura de apoio. Sentia as entranhas às voltas e as lágrimas que ameaçavam cair faziam-lhe arder os olhos.

Newt acenou com a cabeça.

— Percebeste o que ele disse, não percebeste, Caloiro? — Depois acenou novamente com a cabeça.

Thomas estava em brasa, apetecia-lhe bater em alguém. Porém, limitou-se a responder:

— Sim.

— Ótimo — disse Alby. — Dia Um. É o que o dia de hoje representa para ti, chanco. É quase noite, os Exploradores estão aí não tarda. Hoje a Caixa chegou tarde, não temos tempo para o Passeio Guiado. Amanhã de manhã, logo a seguir ao alvorecer. — Ele voltou-se para Newt. — Arranja-lhe uma cama, ele que vá dormir.

— Certo — acedeu Newt.

Alby tornou a fitar Thomas, com os olhos semicerrados:

— Daqui a algumas semanas vais estar feliz, chanco. Vais estar feliz e a colaborar. Nós também estávamos completamente à toa no Dia Um. A tua vida nova começa amanhã.

Alby afastou-se, abrindo caminho por entre o mar de gente, e depois dirigiu-se para a construção de madeira em ruínas, no canto do pátio. A maioria dos rapazes começou a dispersar-se, lançando um olhar demorado a Thomas antes de se afastar.

Thomas cruzou os braços, fechou os olhos e respirou fundo. A sensação de vazio consumia-lhe as entranhas e foi rapidamente substituída por uma tristeza profunda. Eram demasiadas coisas para interiorizar... Onde é que ele estava? Que lugar era aquele? Seria uma espécie de prisão? Se assim fosse, por que motivo havia sido mandado para lá e durante quanto tempo? A língua

era estranha e nenhum dos rapazes parecia preocupar-se com ele. As lágrimas ameaçaram cair novamente, mas ele recusou-se a deixá-las escapar.

— Mas que mal é que eu fiz? — sussurrou, a falar para os seus botões. — O que é que eu fiz? Porque é que me mandaram para aqui?

Newt deu-lhe uma palmada no ombro:

— O que tu estás a passar, Caloiro, já todos nós passámos. Todos tivemos o nosso Dia Um, depois de sairmos daquela caixa escura. As coisas são muito complicadas e acredita que, em breve, só vão piorar para ti. Mas daqui a algum tempo estarás a fazer frente a tudo e mais alguma coisa. Dá para perceber que não és nenhum mariquinhas.

— Isto é uma prisão? — perguntou-lhe Thomas. Vasculhou na escuridão dos seus pensamentos, tentando encontrar algo que lhe desse uma indicação do seu passado.

Já perguntaste quatro coisas — replicou Newt. — Não tenho respostas para ti, pelo menos para já. O melhor é ficares caladinho e aceites a mudança... Amanhã é outro dia.

Thomas não abriu a boca, baixando a cabeça e fitando o chão rochoso e cheio de rachas. Uma fileira de ervas daninhas, com a folhagem miúda, percorria a borda de uma das lajes de pedra, com pequenas flores amarelas a espreitarem, como se procurassem o Sol, há muito desaparecido atrás dos enormes muros da Clareira.

— O Chuck é o mais indicado para ti — disse-lhe Newt. — É um chanco um bocado gordo, mas no fundo é um tipo porreiro. Fica aqui, volto já.

Newt mal tinha acabado de terminar a frase quando um grito, súbito e lancinante, cortou o ar. Estridente e penetrante, o guincho pouco humano ecoou no pátio feito de pedra. Todos os miúdos presentes se voltaram para olhar na direção do som. Thomas sentiu o sangue gelar ao aperceber-se de que o som horrível tinha vindo da construção de madeira.

Até Newt tinha dado um salto, assustado, e franzia o sobrolho em sinal de apreensão.

— Que bafu — disse ele. — Os Remediqueiros não são capazes de controlar o tipo dez minutos na minha ausência, raios?!

— Abanou a cabeça e deu um leve pontapé no pé de Thomas.  
— Vai procurar o Chuckie, diz-lhe que está incumbido de te arranjar um sítio para dormires. — Em seguida, deu meia-volta e correu na direção da construção de madeira.

Thomas, ainda encostado à árvore, escorregou pelo tronco abaixo, até ficar novamente sentado no chão. Aninhou-se junto à árvore e fechou os olhos, desejando poder acordar daquele terrível pesadelo.